"AS MANIFESTAÇÕES POPULARES DO CEARÁ: - O FOLCLORE"

EDUARDO CAMPOS
Do Instituto do Ceará

O cearense, principalmente o do sertão, ao qual pertencemos todos ainda que por atavismo, insere-se numa moldura nitidamente campestre em que se alternam ilhas de verdumes — as serras — e continente de terra áspera, árida, em maior porção, onde a vegetação de decíduas fica totalmente despida ao rigor de verões prolongados, estação de cinco ou mais meses, prevalecente.

Foi a nossa herança de sempre, quando o otimismo de ver tudo mais verde concedia-nos a idéia, de que a vegetação não era tão maltratada, e se erguiam pelos esverdeados inúmeros indivíduos vegetais de grande porte em plena florescência, não obstante o sol de crueldade histórica.

Nesse quadro, vive-se de sol e solidão. A claridade do meio-dia faz a todos se aquietarem. Foi para livrar-se do ar enfornalhado que o português diligenciou o alpendre na frente das casas, sem esquecer os telheiros de construção rústica para as alimárias de serviço.

Há um sentido mágico nas duas marcas do apogeu do dia e da noite. Pelo meio-dia, vencida a manhã, que é toda de refrigério, o homem busca a sombra, para não sucumbir. Pela noite, recolhido à casa, aconchegado à sombra voluptuosa da noite, protege-se dos espíritos que assombram.

O processo civilizatório do Ceará, qual o do Nordeste, fez-se com o despotismo de sol e solidão. O homem teve de se acostumar ao clima de insulamento, viver distanciado de todos, sujeito a penalizante descentralismo anti-humano e cruel.

Tornou-se vaqueiro antes de tudo, — infante encourado, qual brioso cruzado, para penetrar, caminhar no âmago da paisagem insólita que o acabaria afeiçoando. Mas só. Um solitário prisioneiro do escampo.

Perlongando trilhas antecipadas pelo boi, a vencer campinas, navega seu cavalo, companheiro e confidente de andanças, a sentir a grandiosidade do cenário desconhecido que desbrava, e do sobrenatural das noites que o envolve num clima de consulta a sentimentos e temores em formação.

Haveria de caminhar sob a proteção de céus e estrelas, a buscar amparo em entidades sobrenaturais que, aos poucos, iam formando o seu santuário, fazendo-o mais submisso a Deus, vocacionalmente místico e fanático.

Principia com ele também o processo de fixação de nossas tradições. Tanto que essas, mais marcadas coragem e padecimento, de resistência e abnegação, geram-se para o caracterizar e legitimar.

O campo e o que os que nele vivem, elaboram e transmitem tudo aquilo que, a um repente, chega ao citadino, a adverti-lo de que a Capital é prolongamento do rural. Assim, o homem que persigna ao pisar um campo de futebol, para jogar, repete o pedido de proteção do sertanejo que penetra em águas desconhecidas, arrostando a piranha e o mistério. Assim, a criatura urbana, temerosa de ficar em quarto escuro a receio da importunação das almas; a se vigiar para não deixar o chinelo emborcado, como se a todo tempo um outro ser de dentro dele se desentranhasse, tomado de crenças e costumes herdados ao sertão.

O processo civilizatório que nos presidiu, sem a pedagogia dos eruditos, penetra o mundo da caatinga através do homem e do boi. Para sobrevivermos, ambos precisam criar espaço próprio — aí, convidativo e amplo, mas áspero e anfratuoso ao gesto de conquista.

Por trás do pioneiro anônimo, sem direito a cruz que lhe assinale a morte (espécie de assalariado da conquista), chega o dono muito depois para pisar o chão desfrutável, o latifúndio devorante.

Nessa moldura a procriação é livre sob o perfil da vocação pastoril que se estabelece sem respeitar o aborígine, nem este a quem se vem instalar, que o bugre não compreende a nova regra do jogo, a do direito à propriedade demarcada.

Na apropriação do meio pesa pouco a influência flamenga. Efetiva-se, livre, o caldeamento luso com o índio e menos com o negro, de que resultam circunstâncias propícias não só de miscigenação corpórea, mas de repasse espiritual, indolência,

espírito de resistência, afeição, sensualismo, coragem; constante evasão do real para o imaginário místico.

Em tudo vai-se inscrever o comportamento humano, cuja linguagem se aperfeiçoa nas duas realidades convividas, a que fere diretamente o homem e a que lhe penetra o coração indo ao mais fundo do seu ser, apreendida pela divagação onírica, e arrebatada por mistérios que não sabe explicar.

Desse mundo, para domar a natureza o desbravador tem de se tornar íntimo de tudo que o cerca; de bichos e coisas. E ler as comunicações, avisos mesmo imperceptíveis de ecúmeno que ora pode estar comburido, ou encharcado por períodos dágua, opulentos.

Dessa forma, quanto mais tenta escapar do insolacionismo em que se vê, mais adestra a capacidade de se intimizar com a natureza. Sente que é imperioso "conversar". Se em criança confidenciava os seus segredos com a alimária de talo de carnaubeira, crescido e a mais ênfase fá-lo ao próprio cavalo que monta, carregando aos desafios do campo.

Ao seu redor a influência campestre é táurea, com visões e fabulação. A sina pelo indecifrável, apertando-o cada vez mais, aproxima todas as criaturas — homens e bichos — dependentes do espaço cósmico.

Tem-se por esse caminho, na divagação dos que demoram em alpendres e terreiros, as estórias de bois misteriosos que se apartam dos currais para nunca mais voltar; bichos que, mais tarde, vão assombrar nos romances de cordel, cujos versos, após escutados, ficam ressoando no coração para sempre.

Através do tempo, acaba aperfeiçoado nesse homem rude, valoroso — bandeirante desafortunado, sem cabedais —, a atenção por tudo que lhe fez renascer o sentimento de saudade e querença ao sertão. A tanto, vai arrebatar-se pelo "bumba-meu-boi" como se o drama taurino vivido ruidosamente pelos de sua gente também acudisse participando.

Aquele boi de sarrafos, coberto de pano pintado, armação sobre a qual se mete o brincante, acende-lhe aos sentimentos mais palatáveis as boas lembranças do campo.

Percebe, também, sem ao menos saber explicar, ser um pouco de todos os figurantes do auto: o Vaqueiro, o Galante, a Ema, o Caboré, o Padre, o Jaraguá, o Doutor, o Índio...

É integrante do coro do bumba-meu-boi, como nesta passagem do Boi Fortaleza, dançado em Mondubim, nas alegrias da cena do casamento:

"Levanta, Boi Fortaleza,
Boi primeiro do lugar.
Lá vem boi, lá vai boi!
De lá, daqui pra lá!"

É o próprio Vaqueiro árdego e chistoso que, sobrelevando a todos, canta:

"Desde que o meu boi nasceu
Nunca mais serrei as pontas
Lá vem boi, lá vai boi!
E eu torno a cantar!"

Não cessa aí o seu envolvimento emocional. É o Capitão do folguedo quando todo a importância deste, de ser mais do que os outros, se atenua, a demonstrar cuidados pela sorte do Vaqueiro:

"Onde está o meu vaqueiro
Que eu não ouço falar?
Se ele é vivo ou se é morto
Quero mandar enterrar."

Sem sombra de dúvida o bumba-meu-boi é manifestação popular, folclórica, mais penetrada de sertão e de todos nós; — do que éramos, do que fomos, do que somos. Em todos os seus momentos de ação, na crítica à autoridade e no chiste desaçamado, desenha-se o perfil destemeroso do vaqueiro, sua vocação pelo campo. O coro, constituído de brincantes, está de modo permanente a se conformar com a vida rural, amalgamada de bois e gente decidida:

"Vaqueiro de chapéu de couro
Barbicacho de pendão
Quantas carreiras deu hoje
Qantos bois botou no chão?"

A frente do bando, a desmentir a quem diminui a participação do negro na rotina de trabalho da vida interiorana, refere o Vaqueiro:

"Mateus, olha o boi — Ê boi!
Dá nesse negro — Ê boi!
Olha o boi, Mateus, segura ele pelas pontas
Catirina, olha o boi — Ê boi!
Dá nessa nega — Ê boi!
Dá no boi, Catirina! — Ê boi!
Pega a nega com jeito! — Ê boi!"

Nas superstições, usos e costumes, desvenda-se no mais breve instante o homem do sertão. Para livrar-se de papeira, que o atormenta, acode ao curral perto da casa, a mugir qual boi ou vaca, a escavar o chão, jogando areia para trás. Ou destaca o mais avantajado chifre de rês morta, na ponta de vara, a intuito de afugentar o mau-olhado. Dá água de chocalho ao filho pequeno, preguiçoso de falar (1).

Aprende: café com suor de cavalo enlouquece a quem o beber. E para alguém ficar sestroso, nada como comer cabelouro de boi, postado atrás da porta da casa.

Em tudo, mas principalmente na paremiologia, entranha-se a vivência do homem com o seu ecúmeno:

— Boi solto, lambe-se todo;
— Cavalo dado não se abre a boca;
— Praga de urubu não pega em bicho gordo;
— Boi sabe onde fura a cerca;
— Quem engorda porco é sujeira;
— Burro se amarra na orelha do dono;
— Quem vai na garupa fecha a porteira;
— Fruta de beira de estrada é azeda;
— Burro piado também come;
— Cavalo velho não aprende a andar;
— Atrás do pobre corre um bicho;
— Cobra que não anda não engole sapo, etc., etc.

Na linguagem coloquial esplende a semântica de querença em elogios ao animal, principalmente ao cavalo, mesmo quando o vai levar a negócio. Leonardo Mota (2) registrou antológico episódio de venda de bucéfalo, por vendedor de feira, em astuciosa louvação à alimária:

"Seu coronéu, compre o cavalo sem susto. O bicho é bom! Tira vinte léguas por dia. Descansa, mais é porque eu é quem cansa. Quando é de noite, eu estou doido pelo fundo de uma

1) in "Cantadores, Musa e Viola", Eduardo Campos.
2) in "Sertão Alegre".

rede e ele está mas é arrancando por mais um caminho. Este cavalo é uma capacidade! Na "baralha", no "meio", na "estrada" é uma rede. Macio que faz gosto! E tanto é baixeiro como esquipador."

Adiante, ajuntando glórias ao bicho apregoado:

"Manso? Demais! É um animal caseiro. Come tudo. Este cavalo por comida de cozinha é mesmo que minha mulher por missa: — não enjeita! Compre o cavalo, coronéu! O bicho não tem tacha. É novo, é manso e num lote de bestas faz figura. Não havendo égua, ele se arremedeia com jumenta. Este cavalo é até inteligente: — quando se vai pegar ele no cercado, ele vem encontrar a gente e entrega o focinho ao cabresto. Animal inteligente! Eu desconfio que isto só não fala porque tem preguiça de dar recado..."

Mundo feito de simplicidade, gestionado sem a influência exôgena do urbano, de fala própria para chamar e batizar com nomes e apelidos abeberados em seu próprio ambiente inspirador. Por exemplo, os apelidos de cangaceiros, arrolados por Leonardo Mota (3). A maioria tem a marca do agreste, das coisas e fauna de seu mundo:

— Açucena — Andorinha, Asa Branca — Asa Preta — Azulão — Balão — Barra Nova — Beija-flor — Bem-te-vi — Bicudo — Baraúna — Cajueiro — Candeeiro — Cansanção — Capuchu — Casca Grossa — Cobra Preta — Cobra Verde — Cocada — Coqueiro — Coruia — Cuscuz — Fato de Cobra — Formiga — Jararaca — Jatobá — Lampião — Juriti — Melão — Mergulhão — Pirolito — Passarinho — Tetéu, e assim por diante.

Prioritariamente o sertão é do bumba-meu-boi e do pastoril. As cheganças, como o auto dos fandangos, são de trânsito praiano. Pertencem à orla marítima, enquanto a jornada das pastorinhas, de dezembro a janeiro, com a marca do sertão, fazem sua vigência também na Capital. Não se dispersam seus cânticos da influência terráquea e simplicidade de seus tipos humanos. Podemos desfrutar esse testemunho no auto pastoril recolhido por Gustavo Barroso (4) quando Zabumba — moça em trajes masculinos — se dirige ao público, a rufar seu tamborinho, e cantando:

---

3) Ibidem, idem.
4) in "Ao som da viola".

"Eu me chamo Zabumba,
Zabumba do Fonseca.
Sou piloto duma barca
Para toda seca...

Meu sangue é ilustre
De caudal segundo.
Vejo que é patente
Tudo isso no mundo.

Sou capitão de maldade,
Meus avós foram vaqueiros,
Conhecidos pelas várzeas
E também nos tabuleiros.

Levo comigo nas costas
Um saco de tatu assado
E outro saco de farinha,
Com muçu amoqueado..."

O autor de *Terra de Sol* — um dos dez livros maiores da inteligência cearense — rasteja outro capítulo desses sentimentos pastoris, a ressaltar em que circunstâncias vão elaboradas as peças de cancioneiro popular que, ainda hoje, não obstante o alheamento das novas gerações, prevalece.

Assim, as narrativas, em versos, de bichos ferozes; de "onças negras e pintadas"; de touros e novilhos, principalmente animais que, escapando ao curral da fazenda, passam a ser reverenciados por sua astúcia e esperteza.

Desse modo revivem, ainda agora, as histórias da onça maçaroca, do Sitiá e Cruxatu. Esta, nascida em propriedade do mesmo nome e ativada em sua faina perversa:

"Cresci comendo cabritos
E, por não achá-los mais,
Desatei minha redinha,
Mudei-me pro Cosmo-País,
Onde fiz a minha furna
Entre suspiros e ais."

Mas a narrativa versejada, mais cantada nas feiras do sertão e mesmo das cidades, é o do Boi Misterioso. Conta e canta o animal sumido por dezesseis anos, sem rastro nem notícia, o rumo incerto e perdido no tempo e no espaço, até o dia em que, numa noite de São João, faz inesperada aparição como convém às figuras míticas.

"Estava ali o povo todo,
Uns dançando, outros bebendo,
Um prazer demasiado
Em tudo se estava vendo.
Mais de cinqüenta pessoas
Assando milho e comendo.

Meia-noite mais ou menos,
Pôde o povo calcular,
O galo, pai do terreiro,
Estava quase a cantar,
Quando viram um touro preto
No pátio se apresentar.

Meteu os cascos na terra
Cobriu tudo com areia.
Soltou um urro tão grande
Que se ouviu pela ribeira,
Deixou em cima da casa
Toda brasa da fogueira!

Dos cachorros da fazenda
Nenhum sequer acudiu,
O gado uivava de medo,
Parte do povo fugiu.
E o Coronel Sinzenando
Foi só o que não saiu.

Inda viu o vulto dele
Que pelo pátio ia andando,
Chamou os cachorros todos,
Esses fugiram, uivando!
O povo todo em silêncio,
Já muitos se retirando.

Então, acabou-se a festa,
E o povo se debandou.
Dos moradores de perto
Lá um ou outro ficou
Aquele clarão garboso
Em escuro se tornou."

O sertão cabe redondo no "ciclo dos vaqueiros" preconizado por Gustavo Barroso; nas histórias de onça e boi; de vaquejadas e bodes, como o dos Grossos.

No próprio "ciclo heróico ou dos cangaceiros" é o sertão que se ostenta, sangue e coragem, sem fugir de seu cenário tradicional. O cangaceiro aí corre igualmente em cima de árdegos cavalos. O de Cirino, um posto à margem da lei, em poesia de Leandro Gomes de Barros, anotada por Gustavo Barroso, é animal que excede a todos pela velocidade:

"Ruço era quase o cavalo,
Tinha quase a cor de pombo
E media sete palmos
Do casco da mão ao ombro.
Nunca deu uma topada,
Nem o mais pequeno tombo."

O cangaço luta, corre e voa, em sua gesta de fúria, enquanto o suor de cavalos corredores se mistura com a poeira dos caminhos. A inventiva popular folga em ver Antônio Silvino, o mais decantado facínora, depois de Lampião, penetrar numa furna para enfrentar uma onça.

No "ciclo dos caboclos", também sob proposta de Gustavo Barroso, em que se apreende a "lembrança da raça aborígine através de seus descendentes" (...) "perpetuadas" em "racontos de boa ou má intenção", outra vez está o sertão com o grau de ingenuidade e esperteza de sua gente, em cenas próprias para o descante em terreiros e alpendradas.

Em tudo, nas alegrias e na compunção; na vida e na morte, insere-se esse "cósmico-país" de que nos fala o poeta, referto de motivações sentimentais. Mesmo quem nasce na Capital não se isenta de influência das tradições sertanejas nem das preocupações pelo destino da comunidade interiorana, estas vigentes pelo expirar de cada ano, quando se indaga, aflito, quanto ao futuro por chegar, — se de águas fartas ou de avassaladora sequidão.

Nos dois extremos da existência, ao vir ao mundo ou dele se despedir de vez, até mesmo de muito antes, vigoram na sua elaboração biológica e espiritual superstições e crendices carregadas de fé e resignação, atributos que o tornam conformado com a vida.

A medicina popular, no Ceará, para a maternidade, antecede a todos os cuidados familiares. Antes de o menino nascer, enquanto gerado, recebe as atenções que vão protegê-lo na vida que o aguarda. Têm os parentes, por bom, que venha à luz, de dia; que só assim não terá pejo. E seja de tempo; nem adiantado nem atrasado. E para tanto, a mãe já se previne, envolvendo a cintura com faixa de pano, em simpatia especial.

As grávidas não poderão ver eclipse nem tampouco pensar no grotesco. Se conduzem alguma medalha pendurada ao pescoço, por cordão, tratam logo de retirá-la, pois seu uso pode marcar o corpo do filho que concebe.

No rol dessas providências acauteladoras, há de cumprir também a recomendação de não guardar a chave da porta da casa... no seio. A mãe desatenta para essa instrução acaba tendo o dissabor de ver a criança nascer de lábio partido...

Nascido o menino, se sofre de moleira funda, terá que obedecer ao ritual da medicina do emplastro de pinto morto, que lhe aplicarão na cabeça; e não escapará das repetidas fricções de leite de mangaba, sobre o umbigo, para que este se cicatrize logo. Mas se o umbigo estufar, falhados os cuidados iniciais, acudirá a meizinha preparada com pinhão bravo.

Marcam-no com o símbolo da guerra aos invejosos, pondo-lhe nos paninhos que o envolvem, ou na tipóia em que o deitam, uns fiapos de palha benta, expulsadora de maus-olhados.

Crescido, penetra a lúdica do sertão. Se menina, há de brincar de comadre, de "dona", à lembrança da própria mãe que gestiona os encargos domésticos. Se menino, entra de imediato em contato com o meio-ambiente. Aprende a fazer açude no chão argiloso do terreiro, a chispar ou esquipar em seu primeiro cavalinho de estimação, simples talo de carnaubeira. E tanger bois, que nada mais são que frutos verdes do mato, espetados de palitos fingindo pernas, cauda e chifres.

Enfadado, vai rolar "cabiçulinhas" ou bancar o "pé-de-castelo", este praticado com castanhas escolhidas e guardadas a um canto da casa para esses momentos. E, mais taludo, intromete-se ainda tímido na roda dos adultos, ao desejo de socar a peteca, quando os dias são de louvação aos santos juninos, e as noites — que agradáveis noites! — impregnadas de sortes e adivinhações.

Ouve... e conta estória. Pode não saber dar recado certo, mas ninguém lhe passará a perna na narração de casos de assombração, de bichos que falam, de aventuras e desventuras de Pedro Malasartes, sem esquecer as de almas e visagens, pondo essas na conta do maligno, como no conto do medonho ser que, caindo da cumeeira da casa, estugado pelo velho do surrão da história, anuncia desprender primeiro um pé, outro depois; a seguir uma perna, mais outra, os braços... a cabeça... o tronco, até completar no chão o corpo apavorante.

Adoecendo, acode-se da medicina empírica, que sabe estar à mão na botica do mato. Predominam aí, quase absolutos, os ensinos de surpreendente fitoterapia, não desprezados os ensal-

mos e bentinhos, nem tampouco o conhecimento escatológico, onde pressentida está a bruxaria. Desse modo, o aproveitamento anúrico — de rãs e sapos —, de lagartixas, de vísceras de animais, de sangue e de excretos nauseantes.

Mas o forte, em verdade, está na medicamentação vegetal de sua geobotânica. O sertão — seu "cosmo-país" — é pródigo em plantas, ervas e arbustos que aplacam a enfermidade em homem e bicho. E quando falha de todo a terapia do mato, para um e outro chega a tempo a oração, a reza monocórdica e cabalística. No homem, por exemplo, ajuda a repor no lugar a espinhela caída; no animal, enxota para o chão os indesejáveis inquilinos de bicheiras malsãs.

Há meizinhas para tudo e todos: chá de cebola branca, com beladona, para acalmar o acesso de asma; emplastro de relógio-branco (ou vassoura), contra a ação perniciosa do cobreiro; pimenta-do-reino, um pronto alívio para o incômodo da dor de dente; entrecasca de cabaça, recomendam-na aos que sofre de tumor na cabeça; chá de cravo-de-defunto, milagroso no combate às enteralgias; mastruço, santo alívio, nas entorses.

Para baixar a febre, o doente há de se valer do chá de manjerioba, assim como da pomada de andiroba, que toca a cicatrização com rapidez em golpes produzidos por faca. E se o problema está nos rins preguiçosos, haverá melhor do que flor de melancia?

Sob a audiência de circunstantes, atentos aos seus gestos, a rezadeira em função sabe apressar a cura de entorses, a manejar sebento novelo de fio e afiada tesoura "Rainha", dramatizando cada movimento que exercita, a fingir que corta o que está ruim e costura o que pode ficar bom, recitando as palavras miraculosas, que curam:

"Carne trilhada, nervo retorcido...
Osso e veia, até cordoveia,
Tudo isso coso, com a graça e louvor
De meu São Frutuoso."

Ou a pronunciar frases, em outra versão, do mesmo tratamento mágico:

" — O que eu coso?
— Carne *triada* e osso desconjuntado e também nervo retorcido.
— Isso mesmo é que eu coso."

Cresce o sertanejinho sob a influência de tradições que o ajudam, desde cedo, a se identificar com a terra e os seus. De noite, fascinam-no as histórias de bichos, que falam, nas quais pontificam macacos travessos, mas sábios, e papagaios ensinados que proferem desaforos e dão recado. Firma-se desde aí a convicção de que os bichos "sentem", e nisso está o entendimento generalizado, de que tudo que o cerca nesse mundo, onde as provações são cíclicas, possui linguagem especial para se comunicar.

É quando começa o aprendizado da arte de compreender e interpretar as mutações do tempo, de prenúncios que pode ler na movimentação de formigar, suprindo os seus panelões debaixo da terra; ou na prenhez de gatas e mulheres; ou nos avisos de aves e advertências de frutos como da umarizeira tomadas de carnação pelo mês de novembro, indicação de que vão cair maduros nos empoçados que não tardarão, ensejados pelo inverno.

O sertão fala pelo ar, pelas nuvens, pelo céu; — pelo chão que o homem pisa; pela relva, arbustos e arvoredos; por tudo que rasteja, cobras e lagartos. Dá avisos, anuncia, prediz e informa com precisão de observatório meteorológico, que não erra.

Nessa Universidade de ensino rústico, mas de competência, o menino se faz homem, penetra a vida, e a vida o penetra. Vão ao seu encontro todas as manifestações do ecúmeno, a começar do desafio quotidiano, na contundência de obstáculos que tem de vencer, a se familiarizar cedo, com a carranca da seca — deusa pérfida — que maltrata a todos.

Aprecia deslumbrado o que lhe parece sábio. Aprende a gostar do canto, e ele mesmo é exímio no aboio, a se entender com as rezes que conduz ao curral. E não perde roda de cantoria, a ouvir, na batida monótona das violas, pelos terreiros, o desfilar de bravatas de gente de sua condição social, com o seu mesmo modo de falar, de vestir e de sofrer.

São noites memoráveis, de erudição, quando se defrontam, por exemplo, Manuel do Riachão Sobrinho e José Maneiro, desfiando tema cantado em letra C, modalidade que se aproxima do travalínguas, bem a gosto sertanejo:

Riachão: "Catástrofe, cataclismo
Curioso constelação
Candidatura canção
Cardeal catolicismo
Capelão cristianismo

Cristandade concorrente
Crucifixo combatente
Criminalidade carasse
Cachimbo café cachaça
Cadarço cordão corrente.

Maneiro: Confins cascata cabana
Corredor costaneira
Comarca cais cachoeira
Constantinopolitana
Colina carmelitana
Concordável confluente
Competidor contendente
Confusão carta comparsa
Cachimbo café cachaça
Cadarço cordão corrente."

Violeiros-cantadores continuam poetas autênticos do sertão até hoje, a despeito do rádio e da televisão. Glosadores eméritos, artífices consumados no improviso, de versos anotados por audientes que cultivam a memória, como ninguém, e que não esquecem ingratidões.

A um mote de circunstância — "Chora a mãe do assassino / Junto à mãe do assassinado" — o poeta popular José da Rocha Freire, vulgo Melancia, improvisaria estas primorosas décimas:

"Houve um crime na cidade...
Lá vai o prisioneiro.
Abalou o mundo inteiro
Aquela barbaridade.
Oh triste infelicidade!
Pelo crime praticado.
Lá vai o preso amarrado
Com o seu gênio ferino...
Chora a mãe do assassino
Junto à mãe do assassinado.

As duas mães eram manas
Da tristeza, se abraçaram,
Unidas ali pranteiam
Aquelas mágoas tiranas...
Pelas notícias profanas
Um morto, o outro condenado
Quando o réu foi julgado
Levado pelo destino
Chora a mãe do assassino
Junto à mãe do assassinado.

Quando o juiz se erguia
Condenando o criminoso,
Já vi ato doloroso...
Sua mãe não resistia
No meio da sala caía,
Para ver o filho acorrentado,
Pela voz do triste sino
Chora a mãe do assassino
Junto à mãe do assassinado."

Às vezes, o cantador é de poucas letras, mas nem por isso desprovido de argúcia. É como se dá com Manuel Barba Azul, disfarçando suas deficiências de formação, em desafio que ficou nos anais das grandes cantorias dos sertões, memorável pega com o cego Aderaldo. Um e outro mostram-se soberbos no repente. Aquele, passando da parcela, indo à décima, e "dez de poesia":

"Bate a campa ti-ti-tim
Traco-traco, a lançadeira,
No açougue é molequeira,
A véia vende alfinim,
Menino corta capim,
O homem véio caduco,
Batendo no chão, faz puco;
Lá na casa do sarau
Onde o gato faz miau,
E o fole faz vuco-vuco!"

O cego lhe deu resposta em cima da hora:

"Nem fole faz vuco-vuco,
Nem gato faz miau,
Nem na casa do sarau...
Nem bater no chão faz puco,
Nem homem velho é caduco,
Nem menino corta capim
Nem velha vende alfinim,
Nem açougue é molequeira
Nem traco-traco é lançadeira,
Nem bate a campa ti-ti-tim!"

Noites e cantorias... nem todas, mas quase sempre de prosear vagaroso, em que a experiência dos mais vividos é título, sinete real. Por esses momentos, o homem de hoje re-

encontra o pasmo perdido da infância de ontem. Ah, as histórias!... As regras estipuladas para quem as conta, nunca desrespeitadas.

Tudo na vida tem hora, e por isso interdito historiar-se à luz do dia, à claridade natural. "Contar história de Trancoso de dia cria rabo." Só de noite. O auditorio em silêncio, o narrador de costas voltadas para a parede. E, debaixo da atenção de todos, assim iniciada: "Era uma vez..." Esta a fórmula de começar. Sem um "era uma vez", o caso contado não se sustenta por não atender à regra. Nem agrada, se não terminar sob o ritual de semântica recomendada: "Entrou por uma porta, saiu pela outra... O "seu" (senhor) Rei mandou que alguém contasse outra..."

Histórias muitas vezes alongadas, constituídas de episódios distintos, como se dentro de um conto outros mais se fizessem. A narração obedece a uma cadência triplicadora, universal, técnica de dizer que inspira movimento, continuidade, e, ao mesmo tempo, vira refrão que alicia a atenção de quem escuta. Assim, ouve-se: "O homem foi andando, andando, andando..." Ou, "voltando pra casa, armou a rede, dormiu, dormiu, dormiu..."

Não raro sofre interrupção o ritmo, de modo propositado: "Ainda está dormindo", ou: "não acordou"...

Persistem no sertão as estórias de animais. Do bode e da onça — um ajudando ao outro, sem o saber — no levantamento de nova moradia, vindo ao final o elemento surpresa; — do jabuti intrometido que vai à festa do céu, mas na volta despenca-se na terra, ficando de casco estilhaçado, diferente do que era antes, lindo de se ver; — do macaco e a negra do tabuleiro de doces, que acaba com o macaco grudado na vendedora, uma boneca de cera, em armadilha, para castigá-lo.

Depois dessas, as encantadas; de príncipes, reis e princesas. Imperante a do Barba Azul, exterminador de esposas... A do Sargento Verde; a do Pequeno Polegar; Umas que mexem com os sentimentos de todos, de ancianidade comprovada, contando a vida da Princesa Magalona e Pierre; ou as aventuras e desventuras da Donzela Teodora, apropriadas de livros — é o opinar de Luis da Câmara Cascudo (5) — que "continuam circulando no Brasil, reeditados, versos e prosa decorados, declamados, cantados". Esclarece mais: "Ninguém desconhece que Pierre e Magalona constituem o romance da "princesa Magalona" como revemos "Carlos Magno e seus pares", assim a *Donzela Teodora,* naquela *Doncella Teodora,*

5) in "História da Literatura Brasileira", Literatura Oral, p. 203.

que, em 1605, eram remetidos amarradios de livros para as Américas.

Praticamente toda a nossa estrutura de tradições, consagrada pelo tempo, voltamos a insistir, decorre ou se robustece em nosso universo agrário que se alterna entre verdes e molhados, e no qual nos descobrimos fixados por hábitos e costumes, ainda que atenuados pelo confronto com o moderno, experimentados na convivência do urbano.

Estua dos sertões, em direção às cidades, a influência ancestral que nos molda e nos disciplina como somos agora. Gente solidária na vida e na morte; gastrônomos do curial, o que significa: rapadura com farinha, baião-de-dois, paçoca, carne assada; de guloseimas aliciantes, e com gosto de "venha mais": pamonha, canjica, mugunzá, pé-de-moleque, doce de coco, alfinim, puxa-puxa...

Gente que não perdoa a glutões que se avizinham de mesa posta para se servir com exagero, enquanto, de modo até paradoxal, seja dos que cantem a fartura e se visualizem — principalmente em cantoria — usufrutuarios de abastança, como na versejada de Sá Rita Medeiro:

" — O capão está preparado!"
Mais um pouco ela me disse:
Veio capão com arroz
Veio capão com guisado,
Veio capão com pirão,
Veio capão assado,
Veio capão com tempero...
Comeram quarenta homens,
Ficaram tudo entaipado..."

Permanente a idéia de alcançar, ao morrer, o "locusamenus", lugar ideal onde certamente vai encontrar os que se foram antes, gente que deseja todos reunidos na paz celestial — é o pensar quotidiano — e que se apeia de onde está, às vezes, para vir puxar o punho da rede dos que dormem na terra, arrepiando-os.

O universo do "cosmo-país" é esse, tecido e retecido com o folclore da solidariedade humana em que o homem, o bicho e a própria natureza enlaçam-se e se fundem de modo irreversível.

Mundo de vida e morte, mas cheio de eternidade, e que nos pertence por inteiro.